

HEROÍSMO COMUM: crise social e mal-estar entre estudantes do PPGCS-UFRN

ORDINARY HEROISM: social crisis and malaise among PPGCS-UFRN students

Fagner Torres de França¹

UFRN: <https://orcid.org/0000-0003-2170-4288>

Patrícia Rilliane Gomes da Silva²

UFRN: <https://orcid.org/0000-0002-1345-5536>

Luzia Cristina Lopes Almeida³

UFRN: <https://orcid.org/0000-0001-7787-6471>

DOI: 10.21680/1982-1662.2023v6n37ID31372

Resumo

Neste trabalho, elaborado entre julho e dezembro de 2019, foram investigadas as relações entre a formação acadêmica e a saúde mental entre pós-graduandos (as) do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Trabalhamos com o relato de seis pessoas, entre mestrandos (as) e doutorandos (as) do Programa, procurando observar ao máximo a heterogeneidade dos (as) participantes. A pesquisa contempla ainda revisão bibliográfica da produção acerca do tema no Brasil. Utilizamos metodologia qualitativa baseada em história de vida, grupo focal e entrevista isolada em profundidade, no sentido de apresentar o fenômeno com mais densidade e complexidade. Na maioria dos relatos, independente do extrato social, o sofrimento psíquico foi relacionado às dificuldades

¹ E-mail: fagnertf@yahoo.com.br

² E-mail: patriciarilrn@hotmail.com

³ E-mail: cristinaalmeida@ufrn.edu.br

socioeconômicas do país, às dúvidas acerca do futuro das Ciências Sociais no Brasil, ao medo do desemprego, ao isolamento acadêmico, à forte competitividade, à cultura organizacional do próprio Programa e às exigências produtivistas, características da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Pós-graduação. Saúde mental. Desempenho. Ciências Sociais.

Abstract

In this work, prepared between July and December 2019, the relationships between academic training and mental health among graduate students of the Postgraduate Program in Social Sciences at the Federal University of Rio Grande do Norte were investigated. We worked with the reports of six people, including masters and doctoral students of the Program, seeking to observe as much as possible the heterogeneity of the participants. The research also includes a literature review of the production on the subject in Brazil. We used qualitative methodology based on life history, focus group and isolated in-depth interview, in order to present the phenomenon with more density and complexity. In most reports, regardless of social background, psychological distress was related to the country's socioeconomic difficulties, doubts about the future of Social Sciences in Brazil, fear of unemployment, academic isolation, strong competitiveness, the organizational culture of the Program itself and the productivist demands characteristic of contemporary society.

Keywords: Post-graduation. Psychic suffering. Performance. Social Sciences.

Introdução

Há pelo menos duas décadas multiplicam-se os artigos científicos abordando a questão do mal-estar entre estudantes de pós-graduação de todas as áreas, no Brasil e no mundo, apresentando uma sintomatologia geral das queixas e sofrimentos de pessoas que decidem seguir as etapas subsequentes da carreira acadêmica, mais especificamente mestrado e doutorado. Este artigo vai discutir tais questões no âmbito reduzido do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade

Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS-UFRN), em Natal/RN, Brasil. Observamos como o sofrimento de forma geral se manifesta no sujeito particular, num esforço de relacionar os aspectos micro e macro do problema.

Partimos de três hipóteses principais: 1) A primeira pode ser resumida em uma frase dita por um dos entrevistados: “o governo federal adocece a gente”. A policrise política, econômica e social pela qual passa o Brasil desde 2016, desde o *impeachment* de Dilma Rousseff, tem sido motivo de mal-estar e sofrimento entre alunos das Ciências Sociais. A partir de 2018, com a eleição de Jair Messias Bolsonaro para a presidência da república e seu governo neoconservador e reacionário de extrema-direita, circulou com muita força na sociedade a ideia de que as Ciências Sociais são ao mesmo tempo inúteis, perigosas e, no limite, não podem ser consideradas ciências, por serem apenas lugar de disseminação de ideologia subversiva.

Trabalharemos ainda com a ideia de Howard Becker (2015), para quem a cultura organizacional da pós-graduação tende a isolar e individualizar seus membros, provocando mais ansiedade, 2) por serem atravessadas cada vez mais por uma lógica de mercado que mobiliza competição e produção incansáveis, baseadas em muitos prazos e demais exigências produtivistas para ampliar o currículo do aluno e melhorar o *ranking* da instituição. As universidades públicas, assim como o mercado neoliberal, produzem o que o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2015) chama de violência neuronal, que destitui os indivíduos de alteridade, provocando problemas como Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou Síndrome de *Burnout* (SB), provenientes de superprodução, necessidade de hiperdesempenho e de excesso de informação e comunicação. Trata-se, portanto, de uma pobreza da experiência (BENJAMIN, 2012; KEHL, 2015). Isso se reflete no empobrecimento das próprias relações sociais, cognitivas, pessoais e na perda de perspectiva do outro, visto como potencial competidor.

Por fim, 3) a mesma lógica produtivista, de resultados e desempenho máximo (como no esporte) produz, ao mesmo tempo, um narcisismo (LASCH, 1984; SENNETT, 2014) de sinal trocado – pois voltado para proteção de si – aliado a um ideal de alta performance (EHRENBERG, 2010), muitas vezes inalcançável, que realimenta o ciclo do estresse. É a ideia, diversas vezes manifestada na pesquisa, de que nunca se é bom

o bastante ou se produz o suficiente, aliada a outra igualmente nociva de que o sujeito é o único responsável por seu fracasso ou seu sucesso, apagando todo o contexto social de produção de desigualdades. Com base em Ehrenberg (2010), chamaremos isso de heroísmo comum. O herói como figura rara e singular destacada da massa dá lugar a um heroísmo massificado e necessário para se sobreviver ao mundo do trabalho em geral e ao universo da pós-graduação em particular – sobretudo para aqueles que almejam a docência. Nesse sentido, os pós-graduandos seriam como atletas cognitivos de alto desempenho: *no pain, no gain* – na verdade, uma máxima hoje generalizada para qualquer atividade: publique ou pereça.

Método

Trata-se de pesquisa qualitativa, de tipo estudo de caso, realizada com três alunos e três alunas, entre mestrandos e doutorandos, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS/UFRN), além de pesquisa bibliográfica acerca da produção já elaborada sobre o tema. Durante a revisão bibliográfica, observamos que a maioria dos artigos acerca do assunto, não obstante sua importância parte de levantamentos e cruzamentos de complexas metodologias estatísticas para dar conta do fenômeno (com cortes de idade, classe, raça, região, religião etc.), secundarizando a manifestação do mal-estar em si.

Chamamos de mal-estar ou sofrimento a um ou mais episódios de desconforto psíquico identificados na bibliografia consultada e confirmados pelos relatos, como estresse, ansiedade, depressão, Síndrome de *Burnout* (SB)⁴, Transtorno de pânico (TP)⁵, falta de motivação, problemas no sono, baixa autoestima, Síndrome de impostor⁶ e pensamentos suicidas. Segundo os entrevistados, alguns episódios já haviam sido detectados antes de sua entrada na universidade, mas foram

⁴ É um esgotamento físico e mental decorrente do excesso de trabalho. Está relacionada diretamente à exaustão, cansaço, e abrange a dimensão emocional, ocasionando baixa autoestima, sentimentos de impotência, frustração e infelicidade (NUNES; SMEHA, 2017).

⁵ É uma patologia, um tipo de transtorno de ansiedade, em que há crises intensas de ansiedade, com vários sintomas, que provocam um temor repentino e um grande desconforto, sensações físicas e emocionais: arritmia cardíaca, calafrios ou forte calor, falta de ar, náusea, diarreias, desmaio, convulsões (podendo levar à histeria), sentimento de perda de controle, medo da morte etc. (ZUARDI, 2017).

⁶ Essa condição faz o indivíduo ter uma imagem distorcida de si mesmo. Acreditando que suas capacidades são insuficientes, vivenciando um medo irreal de que será descoberto como um enganador, um farsante, pois não é merecedor do sucesso ou da posição que ocupa. No geral, é baseado em crenças/descrenças e em fatos não ocorridos. Tais suposições são desencadeadas pela pressão a alta competitividade e exigência de produtividade (KAUATI, 2013).

intensificados a partir da sua inserção na pós-graduação.

Assim como em Louzada e Silva Filho (2005), priorizamos os relatos de sofrimentos de doutorandos e mestrandos do PPGCS-UFRN durante o primeiro ano do governo Jair Bolsonaro (2019-2022), partindo de uma abordagem exclusivamente qualitativa, relacionando as mudanças na pós-graduação em suas articulações “com as que vêm sendo observadas no mundo do trabalho acadêmico-científico” (LOUZADA; SILVA FILHO, 2005, p. 452), e, conseqüentemente, com as alterações no panorama político e econômico brasileiro dos últimos anos. A partir da literatura sobre o tema, observações de campo e entrevistas, fizemos as associações permitidas pela teoria em consonância com as narrativas dos sujeitos da pesquisa, estabelecendo possíveis relações e levantando hipóteses.

Às questões (políticas, econômicas, pessoais, sociais, organizacionais) disparadoras de episódios de sofrimento e mal-estar chamaremos, seguindo a literatura (FARO, 2013), de fatores estressores ou estressógenos, como, por exemplo, o ponto levantado por praticamente todos os entrevistados sobre a insegurança financeira individual a médio e longo prazo, certamente um dos estressores mais presentes durante as entrevistas – sendo a própria noção de futuro também um forte elemento ansiogênico. Faro (2013) identificou 28 estressores psicossociais entre pós-graduandos em todo o Brasil, mas trabalharemos apenas com temas suscitados pelos entrevistados seguindo o critério de relevância, ou seja, daquilo que é mais evidente, delimitando o escopo de nossa pesquisa.

Foram realizadas entrevistas com seis estudantes, sendo duas em grupo com cinco pessoas (quatro doutorandos e um mestrando, entre homens e mulheres) e duas outras individuais com um doutorando. Consideramos o suficiente para uma pesquisa conjuntural de pequena escala, no sentido de dar conta de um fenômeno enquanto ele acontece. No momento da pesquisa, a faixa etária era de 23 a 38 anos. Os entrevistados compunham todos um mesmo grupo de pesquisa do programa de pós-graduação. Com exceção de Pâmela, todas as outras pessoas tinham um mesmo orientador. A questão da orientação é elemento-chave de sofrimento na pós-graduação, e mereceria um tratamento à parte mais aprofundado.

Apenas uma das entrevistadas, Maria Emília, possuía ascendentes familiares envolvidos com educação. Todos os sujeitos têm origem na classe média, filhos de funcionários públicos e profissionais liberais, embora o conceito elástico de classe

média abranja desde a classe média baixa à classe média alta, com diferentes crenças, valores e distinto poder aquisitivo, colocando no mesmo espectro famílias bastante diferentes em termos econômicos, sociais e culturais.

Dos seis entrevistados, apenas um desenvolvia atividade profissional paralela como funcionário público, mas de forma temporária. Os demais tinham bolsas de estudo, conquistadas no início ou durante o curso, em decorrência da abertura de novos processos seletivos. Ter ou não bolsa é elemento fundamental para se determinar um bom desempenho durante a pós-graduação, constituindo-se importante fator estressor (competidor) entre estudantes. Metade dos entrevistados possuía formação integral nas Ciências Sociais, enquanto os demais vinham de áreas distintas. Ser proveniente de área distinta é um dos fatores estressores para alguns dos sujeitos da pesquisa, tanto pelo pouco domínio dos autores da área (Sociologia, Antropologia, Ciências Políticas), quanto pela atenta vigilância epistemológica dos inquisidores preocupados com a pureza do campo.

Foram feitas quatro sessões de entrevistas. Duas com o grupo de cinco pessoas, com duração de 60 minutos, e duas outras com um sujeito específico, Jonathan, com duração de 45 minutos e 30 minutos respectivamente. As entrevistas foram conduzidas conforme os métodos de história de vida (MINAYO, 2016) e entrevista narrativa (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002), por meio dos quais os entrevistados, a partir de questionários abertos, são estimulados a contarem suas histórias, com a menor interferência possível do pesquisador. As entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente, e posteriormente discutidas entre os pesquisadores. Os nomes dos entrevistados foram alterados para manter o anonimato dos estudantes, e a publicação das entrevistas sob pseudônimo foi autorizada por todos os participantes.

Apesar das seis entrevistas terem sido densas em conteúdo, vamos nos concentrar em dois entrevistados por terem sistematizado melhor e verticalizado as principais questões que envolvem a saúde mental dos estudantes do PPGCS-UFRN ouvidos em nossa pesquisa. São eles: Jonathan, 28 anos, natural de Natal, jornalista e doutorando em Ciências Sociais; e Maria Emília, 31 anos, socióloga e doutoranda em Ciências Sociais, nascida no interior, ambos com distintas trajetórias e experiências de vida, mas que dividem, no ambiente da pós-graduação, diversas questões semelhantes.

Crise e mal-estar no Brasil contemporâneo

A primeira sessão do grupo focal foi norteadada pela seguinte afirmação de Maria Emília: “O doutorado, junto com todo o contexto político do Brasil, me deu uma angústia existencial muito grande.” (informação verbal).⁷ O desabafo inicial da pós-graduanda remete-nos a uma indagação clássica da sociologia: “Qual é, hoje em dia, a situação de um homem formado que decidiu consagrar-se profissionalmente à ciência, dentro da Universidade?” (WEBER, 1973, p. 140). Essa questão, cada vez mais atual, foi levantada por Max Weber no ano de 1917, em conferência intitulada *Ciência como vocação*. O pensador alemão já havia detectado, há mais de 100 anos, o processo de mercantilização e instrumentalização do pensamento e da universidade.

Weber (1973) critica ao mesmo tempo em que defende a ideia do cientista vocacionado. Na ciência, enquanto terreno de disputas político-ideológicas, o talento é apenas um dos elementos possíveis para se garantir algum sucesso na carreira. O fato e o acaso, não apenas a capacidade constituem fatores determinantes (WEBER, 1973). Coisa diferente é construir um nome próprio: “Caros amigos: No campo da ciência só tem ‘personalidade’ quem está *pura e simplesmente ao serviço da causa*.” (WEBER, 1973, p. 154, grifo do autor). Nesse caso, sim, a vocação é fundamental. Mas é da ordem do raro.

Em suma, foi-se o tempo em que o trabalho intelectual era valorizado enquanto aristocracia espiritual em oposição aos que se dedicavam exclusivamente ao trabalho manual. Todos estamos mais ou menos submetidos ao paradigma produtivista-quantitativista e da precarização do trabalho e da vida – embora a ciência, assim como a arte e a política, sejam, ainda, espaços abertos possíveis de produção do novo, mesmo que cada vez mais difícil.

Ariño e Bardagi (2018, p. 44) concluem, a partir de levantamento de literatura nacional e internacional, que entre 15% e 25% dos universitários em nível de graduação irão apresentar algum transtorno psíquico durante a formação, número “significativamente maior que na população geral e em adultos jovens não universitários”. Na conclusão das pesquisadoras, os dados estão relacionados com a qualidade das vivências universitárias (experiências positivas e formação de vínculos) e o sentimento de autoeficácia (performance, capacidade de corresponder adequadamente às exigências, tanto da academia quanto de uma nova e desconhecida

⁷ MARIA EMÍLIA. Entrevista. Natal, Rio Grande do Norte, 22 e 24 out. 2019.

etapa da vida que se inicia). A tendência, segundo as pesquisas, é que, na pós-graduação, os números sejam ainda mais preocupantes, pois cresce o nível de demandas e cobranças, e o ambiente é mais desafiador. Estudo realizado por Costa e Nebel (2018) acerca da saúde mental de 2.093 estudantes de pós-graduação de todo o Brasil revela que 74% apresentam algum tipo de mal-estar psíquico, como depressão, insônia, ansiedade ou estresse.

Em boa parte, isso ocorre devido ao fato de que o paradigma quantitativista-produtivista, adotado também no Brasil, segue na tentativa de compatibilizar a produção brasileira com a internacional. A pós-graduação *stricto sensu* no país tem início em 1951, com a criação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). De 1982 a 2012, segundo levantamento de Faro (2013, p. 51), “o país exibe um aumento médio anual de 10,5% na produção de artigos científicos”, média três vezes maior que a mundial no mesmo período, o que explica em parte a constante necessidade de aumento no volume de produção bibliográfica.

Entre 2005 e 2015, o número de programas de pós-graduação no Brasil quase dobrou, passando de 2.057 para 3.904, um crescimento de 89,8%, segundo dados de Costa e Nebel (2018). Nesse mesmo período, o número de professores cresceu 103% (para 88 mil em todo o país), acompanhando o crescimento no número de alunos, de iguais 103%. Em 2015, o Brasil possuía 251 mil estudantes de mestrado e doutorado. No mesmo ano, foram formados 54.924 mestres e 18.625 doutores, contra 36.014 mestres e 10.711 em 2008, o que mostra a evolução dos dados.

Mas os esforços parecem insuficientes. Em 2015, o Brasil possuía 7,6 doutores para cada 100 mil habitantes. No Japão, um dos países desenvolvidos com o menor número de doutores, a relação era de 13 por 100 mil, enquanto na Itália, país da Europa com média mais baixa de doutores, contavam-se 17,5 por cada 100 mil habitantes. De acordo com os números (CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS, 2016), o Brasil precisaria formar 30 mil doutores por ano para atingir o nível dos países desenvolvidos que possuem o menor número de doutores.

É preciso ainda avaliar o impacto das políticas de austeridade implantadas no país desde 2016 para a educação superior brasileira em geral e a dos pós-graduandos em particular, no que se refere à redução dos investimentos e ao corte sucessivo de bolsas para os pesquisadores de pós-graduação. Em 2019, o orçamento da Capes, órgão que financia iniciativas de pesquisa e educação no Brasil, foi de R\$ 2,7 bilhões,

valor 72% menor que em 2015 (SOUZA; ZANLORENSSI, 2019), representando 0,1% do orçamento federal. Apenas em 2019 foram extintas 11.181 bolsas de mestrado e doutorado. A área de Ciências Humanas, por não estar diretamente ligada ao mercado, e, por isso, necessitar de investimento público, é a que mais sente o corte de verbas, por não ter como se viabilizar economicamente no mercado sem apoio do poder público. Dos seis entrevistados, cinco tinham a bolsa como única fonte de renda, cujos valores são de R\$ 1.500 (aproximadamente um salário-mínimo e meio) para o mestrado e R\$ 2.200 (pouco mais de dois salários-mínimos) para o doutorado, sem reajuste desde 2013⁸. Apenas no PPGCS-UFRN, foram cortadas 38 bolsas. O Programa, que nos anos anteriores oferecia 33 bolsas de doutorado e 22 de mestrado, em 2019 dispunha de dez e sete, respectivamente.

Para quem vive desse recurso – em muitos casos para pagar aluguel, alimentação e demais despesas –, o medo de perda da bolsa é hoje um dos principais fatores estressores do Programa, sob constante ameaça de mais contenção de verbas. Isso se deve, em grande medida, às políticas de inclusão social praticadas pelos então governos federais entre 2005 e 2015, que impulsionaram a mobilidade social de parte da população brasileira, antes alijada dos bancos universitários. No grupo dos seis entrevistados, três estavam entre os primeiros da família a frequentar o ensino superior.

No depoimento de Jonathan fica claro que tal situação gera pressão sobre o pós-graduando devido à expectativa familiar diante da possibilidade de melhoria de vida:

O fato de eu estar aqui [como doutorando numa universidade pública] existe uma cobrança imensa para que eu seja esse motor de mobilidade social para minha família, que vai levá-la para uma situação melhor. Então existe muita cobrança nesse sentido. Uma aposta muito alta que é feita na gente que chegou nesse lugar. Então, o meu medo é de fracassar nesse sentido e não conseguir chegar lá. E o fato de não conseguir chegar lá ser uma grande aposta frustrada da família, os familiares mais próximos. E isso gera em mim essa ansiedade, esse medo do futuro. Pensando nos concursos que não vão ter mais, pensando no medo de perder a bolsa, de não conseguir passar num concurso, de não conseguir fazer um bom doutorado etc. (informação verbal, 2019).⁹

⁸ O atual governo federal, que tomou posse em 1º de janeiro de 2023, anunciou reajuste de 40% nas bolsas de mestrado e doutorado, que passam a pagar R\$ 2.100,00 e R\$ 3.100,00 respectivamente a partir de março de 2023. (GOVERNO..., 2023)

⁹ JONATHAN. Entrevista. Natal, Rio Grande do Norte, 24, 29 e 31 out. 2019.

Outro intenso fator ansiogênico é justamente o alto nível de desemprego entre mestres e doutores no Brasil, de 25% e 35%, respectivamente, enquanto, no mundo, a média da taxa de desocupação deste grupo gira em torno de 2% (ROSCOE; SOARES, 2019). Somem-se a isso as demissões em massa de professores nas universidades particulares facilitadas pela Reforma Trabalhista, bem como a Reforma do Ensino Médio, ambas de 2017, que praticamente extingue a disciplina de Sociologia da estrutura curricular, deixando pouca margem de manobra no mercado de trabalho para os pós-graduandos. Além disso, o contingenciamento de recursos para as universidades públicas federais retira do horizonte a expectativa de concursos a curto e médio prazo.

A bolsa, nesse sentido, é a diferença entre fazer ou não um bom mestrado ou doutorado, turbinar o currículo com artigos e livros, quem sabe terminar o curso mais cedo e ser aprovado em seleção para professor, enquanto as vagas minguam a cada ano e o funil vai se estreitando. Mesmo entre alunos oriundos de famílias mais economicamente estabelecidas, o desafio é o de pelo menos manter o *status* alcançado. Um degrau a menos na escala social poderia ser tomado como sinal de fracasso. Tal situação leva a uma série de consequências de mal-estar psíquico para o sujeito e o grupo no qual está inserido. É o que passaremos a discutir a partir de agora.

Solidão heroica, violência neuronal e pobreza da experiência

Em uma das entrevistas individuais, Jonathan afirmou: “Eu acho assim: quem faz Ciências Humanas hoje no Brasil faz com uma puta resistência.” (informação verbal).¹⁰ Tal afirmação pode ser interpretada também em chave ética: qual a condição do sujeito das Ciências Humanas hoje na academia, diante de uma sociedade que desdenha tanto da ciência quanto dos humanistas? A ciência é trabalho de maturação, incompatível com aceleração produtiva do capital e da vida, que lamina o tempo individual e arrasa os diferentes modos de ser — e o tempo lento da descoberta, da própria pesquisa. Deixa de ser vocação para tornar-se atributo de quem se adequa a um determinado processo produtivo. Adere-se a um determinado modelo de produção do conhecimento, cuja velocidade reduz significativamente a possibilidade da contemplação e da criação do novo, pois ataca o tempo lento da

¹⁰ JONATHAN. Entrevista. Natal, Rio Grande do Norte, 24, 29 e 31 out. 2019.

reflexão. Estimula-se a reprodução em prejuízo da invenção, daquilo que é da ordem da mudança, da criatividade.

Incapaz de formular seu próprio desejo, o sujeito contemporâneo vive em função da demanda do Outro¹¹, por isso condenado a fracassar, já que essa demanda é inalcançável – de amor, de trabalho, de autoimagem, de felicidade, de bem-estar, de beleza, de produção. O sujeito depressivo, enquanto manifestação do mal-estar social, “é aquele que tenta se colocar sempre fora do tempo dos outros, ou do tempo imposto pelo Outro” (KEHL, 2015, p. 140). Não suporta a pressão dos prazos eternos. Ainda assim, sente-se incapaz de tecer seu próprio tempo. Daí os sentimentos recorrentes de angústia, ansiedade, vazio, inaptidão, insegurança e insuficiência relatados pelos estudantes de pós-graduação entrevistados por nós.

Tempos e prazos (além do temor do futuro – empregabilidade, mobilidade social) são também fatores estressores psicossociais fundamentais para se compreender as histórias de vida acerca dos sofrimentos psíquicos no PPGCS-UFRN. Brandtner e Bardagi (2009) trabalham com a hipótese de que a mudança do ensino médio para o superior produz uma alteração profunda na vida psíquica do sujeito, por se tratar de um período repleto de desafios: relacionais (estabelecimento de novos vínculos), acadêmicos (em relação a novos autores, métodos de ensino-aprendizagem e avaliação), vocacionais (definição da carreira, identidade profissional e escolha do curso a partir de uma negociação entre o desejo e as possibilidades do mercado), entre outros. Um período cheio de incertezas e descobertas, capaz de disparar sintomas de ansiedade e depressão.

Nossa hipótese é a de que esse processo adaptativo se prolonga durante o percurso acadêmico de mestrado e doutorado, colocando frequentemente novos desafios geradores de desconforto e mal-estar. O resultado são alunos de bacharelado migrando para a licenciatura, trocando de curso, mestres em busca de outras áreas para prosseguirem seus estudos de doutorado a partir de uma análise das possibilidades e mutações do mercado de trabalho. Para o sociólogo estadunidense Richard Sennett (2009), é bastante natural que a flexibilidade cause ansiedade, pois a maioria de nós não sabe exatamente qual caminho seguir, qual investimento será recompensado no futuro. O “Novo capitalismo”, como ele o chama, é um sistema de

¹¹ Em *O tempo e o cão - a atualidade das depressões* (2015), a psicanalista brasileira Maria Rita Kehl desenvolve, entre outras, a ideia lacaniana de “demissão do desejo”, ou seja, o descompromisso com a própria via desejante do sujeito em função do Outro.

poder muitas vezes ilegível, devido à sua forte imprevisibilidade. De concreto apenas o tempo que escorre.

O mestrado em Ciências Sociais, na UFRN, tem duração de dois anos. O primeiro ano é basicamente dedicado a cursar os componentes curriculares obrigatórios, ler os textos recomendados e escrever os artigos geralmente exigidos como requisitos avaliativos para o final da disciplina. Uma reprovação significa perda de bolsa. Segundo os relatos dos entrevistados, nesse ano, praticamente não há pesquisa. No início do segundo ano, faz-se a chamada pré-qualificação, uma exposição inicial (escrita e oral) da pesquisa para apreciação de um professor e um colega leitor, que farão análises (comentários, críticas e sugestões) acerca do projeto escrito da dissertação. A partir daí, o pós-graduando tem três meses para qualificar. É possível que o texto esteja já bem encaminhado. Normalmente os leitores recomendam modificações ou sugestões bibliográficas. Em alguns casos, alteração completa de rumo.

É durante o segundo ano que, em geral, o aluno dedica-se à revisão bibliográfica, à investigação de campo e à escritura do texto final, enquanto participa simultaneamente de grupos de pesquisa (que demandam outras leituras, atividades e engajamentos), eventos nacionais e/ou internacionais, colabora na organização de outros, redige *papers*, comunicações, resenhas, apresentações, resumos expandidos, encaminha artigos para revistas etc. É possível terminar uma pós-graduação tendo feito quase nada disso, mas para quem pretende investir na carreira acadêmica como docente isso não é uma opção. Produzir muito e sempre é fundamental. Uma espécie de mantra.

A dinâmica do doutorado é semelhante e o nível de cobranças é ainda maior¹². Quanto mais se adentra o terreno da pós-graduação mais as relações se transformam e complexificam: os vínculos sociais, as expectativas quanto ao futuro, o estreitamento das possibilidades, o engajamento no Programa ao qual se está ligado, bem como se aprofundam as exigências e autoexigências de produção e performance. A passagem do mestrado ao doutorado não é uma transição fácil, podendo constituir-se em uma outra alteração profunda na vida psicossocial do sujeito. Enquanto no mestrado exige-se do aluno um domínio razoável do instrumental teórico-prático para pesquisar e dissertar sobre um fenômeno específico, no doutorado deve-se necessariamente

¹² A situação do corpo docente não é mais confortável e mereceria uma análise à parte. O número de adoecimento psíquico entre professores é bastante alto. Ver, por exemplo, Silva (2015).

apresentar uma ideia inovadora, criativa, complementando algo ainda não dito sobre determinado fenômeno, antagonizando uma teoria já estabelecida ou apresentando uma nova ideia sobre um tema. É necessário, em todo caso, defender¹³ uma tese original.

Os dois primeiros anos do doutorado são dedicados também às disciplinas obrigatórias e demais atividades. Um bom desempenho é também importante para manter ou conseguir uma bolsa. A metade do segundo ano (no total de quatro anos) é o momento da pré-qualificação. Tanto no mestrado quanto no doutorado a pré-qualificação acontece enquanto ainda se cursam as disciplinas. Isso significa que é preciso ler os textos das aulas, da própria pesquisa, escrever os artigos finais e apresentar um mínimo de resultados de campo para avaliação inicial do professor e colega leitores.

Prestes a qualificar, em dezembro de 2019, mesmo mês da entrevista, Jonathan fez o seguinte relato:

Eu pré-qualifiquei em julho e tive que entregar os artigos das disciplinas em agosto. O semestre segue e eu já tenho que qualificar no final do ano [dezembro de 2019]. Só que quando você escreve artigo até agosto, significa que você precisa se concentrar naquilo, porque você não pode tirar um C senão você perde a bolsa. Então eu tive setembro, outubro, novembro e dezembro para fazer campo. Como, em quatro meses, a gente precisa entregar campo, ou dar algum indicativo de campo? Acho muito pouco. A gente acabou de sair da pré-qualificação. Então, o que a banca vai dizer na qualificação que não disse na pré-qualificação? Pouquíssima coisa. (informação verbal, 2019).¹⁴

A dificuldade de estudar reflete-se no processo da escrita. Essa é uma das questões mais levantadas pelos pós-graduandos: a ansiedade de se sentar diante de uma tela branca. Sobre isso, gostaríamos de levantar uma hipótese geral a partir de uma constatação particular ensaiada pelo sociólogo estadunidense Howard S. Becker (2015). Tentando ajudar seus alunos a escrever teses, livros e artigos, depois de ouvir diversas reclamações a esse respeito, Becker (2015, p. 8, grifo nosso) elabora a seguinte formulação: “as dificuldades que você enfrenta para escrever não são culpa nem resultado de uma inabilidade pessoal. *A organização social na qual você escreve*

¹³ A concepção de defesa remete à ideia de alguém sob ataque. Isso por si só é também um fator estressor na pós-graduação, como detectado pelo médico e pesquisador do Instituto de Neurociências da UFRN, Sérgio Arthuro, em entrevista ao portal UOL Educação para Marcelle Souza (2015). Juntem-se a isso prazos apertados e avaliações pouco frequentes, que jogam a pressão toda para o final. Esses três fatores, segundo o autor, são a receita da depressão na pós-graduação.

¹⁴ JONATHAN. Entrevista. Natal, Rio Grande do Norte, 24, 29 e 31 out. 2019.

está criando essas dificuldades para você.” A nossa hipótese é que isso acontece por dois motivos. Primeiro, por não valorizar a escrita tanto quanto a leitura. O processo de fragmentação do pensamento estende-se à relação entre o pensar e o escrever como ações separadas. Lemos para depois escrever, e escrevemos depois de elaborado o pensamento.

Em segundo lugar, a pós-graduação tende a isolar os estudantes, fazendo com que elaborem uma imagem fragmentada do mundo e de si mesmos, portanto, parcial e equivocada. Mais uma vez, a ideia do sujeito solitário, separado do mundo, intelectual heroico, gênio criador, insinua-se aqui. Desdobrando argumento de Becker (2015), a organização da pós, a própria organização da sociedade enquanto sujeitos isolados em competição e não em cooperação são ideias que favorecem “gatilhos de ansiedade”, como no relato de Jonathan:

Tem coisas dentro da organização da pós que funcionam como uma espécie desse gatilho. Por exemplo: estou com muita dificuldade de entregar esse texto para qualificar, e daí chega um e-mail dizendo que fulana já depositou¹⁵. E começa a vir uma frustração. A gente acha que todo mundo depositou menos a gente. Parece que todo mundo está dentro da normalidade, menos eu. Essas notificações que recebemos gera uma ansiedade. E eu penso: a última pessoa vai depositar e eu ainda não vou ter depositado. Isso chega em forma de alerta no e-mail. Parece besta, mas causa ansiedade. (informação verbal, 2019).¹⁶

De fato, na pós-graduação, compartilham-se as inquietações teóricas em grupos de pesquisa ou salas de aula, mas a fórmula da escrita é como um segredo bem guardado. Os artigos bem acabados publicados nos periódicos parecem caídos do céu. A ideia esconde os processos demorados de idas e vindas, formulações e reformulações, críticas, retificações, cortes e acréscimos pelos quais passam os textos antes de uma publicação. Mas a melhor forma de manter a autoimagem e garantir que não se tome um texto como efetiva expressão das verdadeiras capacidades do autor é não escrever nada (BECKER, 2015, p. 25), nem submeter o que se escreve à apreciação crítica dos colegas.

Becker (2015) decide redigir *Truques da escrita* ao perceber essas dificuldades e surpreender-se constantemente com o absoluto desconhecimento dos alunos em relação aos hábitos de trabalho uns dos outros. A isso ele chamou de “ignorância

¹⁵ O SIGAA, Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas da UFRN, notifica alunos e professores toda vez que uma banca de qualificação ou defesa é cadastrada.

¹⁶ JONATHAN. Entrevista. Natal, Rio Grande do Norte, 24, 29 e 31 out. 2019.

pluralista”, ou seja, a privatização do processo de redação. Em suas palavras:

Não há um grupo de pares que compartilhe o problema do escritor. Nenhum grupo tem de entregar o mesmo texto no mesmo dia. Cada qual tem um texto diferente para entregar na hora em que ficar pronto. Assim, os autores das ciências sociais não desenvolvem uma cultura, um conjunto de soluções para seus problemas coletivos. E assim nasce uma situação que tem sido chamada de ignorância pluralista. Todo mundo acha que todos os outros estão aprontando o texto para entregá-lo no prazo. Guardam suas dificuldades para si mesmas. Talvez esta seja uma das razões pelas quais os cientistas sociais e outros acadêmicos escrevem num isolamento tão grande. (BECKER, 2015, p. 45).

A sociedade do cansaço, tal como caracterizada por Han (2015), atua justamente individualizando e isolando. Tal situação produz e é produto de uma pobreza da experiência (BENJAMIN, 2012; KEHL, 2015), a partir não de um grande trauma (como a guerra), mas da violência neuronal (HAN, 2015) sofrida diariamente pelo sujeito contemporâneo, invadido por um tsunami de estímulos, choques e demandas por desempenho. Atropelado pelo tempo, o sujeito é prejudicado em sua capacidade de organizar o pensamento e transmitir a experiência intelectual, por exemplo, da pesquisa.

O processo permanente de aquisição (de informação, de imagens, de *likes*, de mensagens) torna-se mais importante que a constituição da memória ou da construção de uma narrativa cuidadosa a respeito de si mesmo e do mundo (HAN, 2018), resultando em uma miséria da comunicação. Na perspectiva de Walter Benjamin (2012, p. 213), a experiência de narrar está em vias de extinção: “É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.” Ao invés da comunicação, da experiência e da narrativa compartilhada ganham destaque a informação, a vivência¹⁷ e o sujeito narcísico da alta performance, do hiperdesempenho, do design de si e do sofrimento.

A queda do Olimpo: o sujeito do desempenho como herói da performance

O meu nível de cobrança é muito alto. Se eu não faço aquilo que eu programei para o dia eu sinto que o sentimento de culpa me consome. [...] Sempre tive a necessidade de parecer perfeita, de ouvir as pessoas dizendo que eu sou muito boa, muito inteligente etc. Só que a

¹⁷ “O que Benjamin designa por vivência (*Erlebnis*) corresponde ao que, do vivido, produz sensações e reações imediatas, mas *não modifica necessariamente o psiquismo*.” (KEHL, 2015, p. 160, grifos da autora).

pós-graduação ela vai aflorando suas fraquezas. Se você não gosta de ouvir críticas não tem nada que estar fazendo aqui, que é basicamente receber críticas. Antes eu conseguia controlar essa tendência a não gostar de críticas. Nos últimos dois anos, eu comecei a evitar ouvir áudios do meu orientador com medo de ser uma crítica. Até que eu decidi me abrir com ele. Se eu, que estou aqui há tantos anos, não puder falar, uma pessoa que acabou de chegar não vai falar também não. (informação verbal, 2019).¹⁸

Este é uma das manifestações de sofrimento mais frequentes relatada durante as entrevistas. Trata-se, simplesmente, segundo a hipótese que trabalhamos, da vitoriosa imagem do empreendedor moderno, empresário de si, o *self made man*, transposta para o ambiente universitário. A partir daqui, seguiremos mais de perto as elaborações do sociólogo francês Alain Ehrenberg (2010), ao estabelecer relação entre performance e heroísmo.

No Brasil, para citar apenas um exemplo, o espírito de empresa progride de forma aparentemente rápida. O país fechou 2018 com cerca de 2,5 milhões de novas empresas formalizadas, a maior alta desde que os números começaram a ser registrados, em 2010, um aumento de 15,1% em relação ao ano anterior. Os chamados MEIs (Microempreendedores Individuais) representam 81,4% do total.¹⁹

Ehrenberg (2010) refere-se ao trabalho – recuperando o velho sonho *saint-simoniano* da indústria como religião, da produção como princípio unificador da sociedade –, não apenas como obrigação, mas como o próprio *ethos* da sociedade moderna: o heroico e incansável trabalhador 24/7. Como relata Pâmela, uma de nossas entrevistadas,

Mesmo quando eu durmo a sensação é que continuo trabalhando, que minha cabeça está processando e organizando as informações que eu li durante o dia. Daí eu acordo com a sensação de que estou extremamente cansada. O sono não adiantou nada. (informação verbal, 2019).²⁰

Porque o trabalho é infinito, nunca cessa, sobretudo em tempos de internet e redes sociais, de conexão e comunicação ubíquas. Nesse contexto, pergunta-se Ehrenberg (2010, p. 46): “Sob quais condições o símbolo mesmo da exploração do homem pelo homem pôde tornar-se um herói popular?” Segundo o autor, observamos o momento histórico do cruzamento entre três discursos que se retroalimentam

¹⁸ MARIA EMÍLIA. Entrevista. Natal, Rio Grande do Norte, 22 e 24 out. 2019.

¹⁹ Dados encontrados no portal UOL na matéria realizada por Cláudia Varela, 2019.

²⁰ PÂMELA. Entrevista. Natal, Rio Grande do Norte, 22 e 24 out. 2019.

constantemente: o desportivo (que acumula as noções de preparo, treinamento, risco e aventura); o do empresário de si (gênio forte, guerreiro, personalidade aguerrida, investidor agressivo, imagem impecável, trabalhador incansável, jamais abatido, sempre alerta, individualmente responsável pelo seu sucesso ou fracasso, cujos sinais são muito evidentes. Mas quais exatamente?); e, por último, o do herói. O herói moderno consegue enlaçar com maestria todos esses elementos.

Acrescentaríamos ainda à tríade acima um quarto discurso, sugerido por Edgar Morin (2011), que nos parece fundamental para fechar o anel recursivo e compreender a sociedade do desempenho, qual seja, o da ideologia da felicidade. A felicidade é a religião do indivíduo moderno, a religião da terra na era da técnica, como revelam diariamente a publicidade e a propaganda nos *outdoors* e no altar moderno da televisão, com ajuda da qual nossos heróis modernos alcançam os píncaros do reconhecimento por meio da inscrição no universo simbólico do Outro, que se confunde com o universo do espetáculo. Ser é ser visto.

O sujeito do hiperdesempenho não pode passar sem o discurso da felicidade, pois é isso que o protege do próprio absurdo da existência, apontando uma finalidade bastante real e pouco abstrata para todos os seus esforços. Nas palavras de Morin (2011, p. 122),

A felicidade empírica expulsa ou recalca as mitologias do além, mas secreta, necessariamente, sua própria mitologia, voltada a mascarar as zonas de sombra em que a felicidade é inexoravelmente posta em questão pela culpabilidade, angústia, sexualidade, fracasso, morte.

Eis a genealogia do herói: desceu dos céus, do Olimpo, encarnou-se na nobreza, nos reis e rainhas, passou à burguesia, aos romances heróicos, à literatura, à poesia, ao *star system*, ao esporte, ao cinema, à televisão, até chegar ao sujeito qualquer, herói de si mesmo, herói comum. O empreendedor individual como valor e princípio da ação nas vidas privada e profissional (cada vez mais difíceis de separar), estabelece um sistema de normas de conduta endereçado e acessível a todos.

Mas como saber-se si mesmo? Como obter reconhecimento e dizer: “tenho sucesso”? Em relação a quê, diante de quem? Essa é uma questão das mais misteriosas e embaraçosas colocadas pela sociedade empreendedora e pelo sujeito do desempenho, por ser demais abstrata. Tornar-se si mesmo, segundo Ehrenberg (2010, p. 51), é saber assimilar um código de autenticidade (unicidade, singularidade) a um código de visibilidade. Essa é a fórmula quase inalcançável do sucesso, porque não

estabelece com clareza uma linha de chegada. Por isso, não importa o que aconteça, estaremos mobilizados pela tensão e pela insatisfação. No caso da vida universitária, quantos artigos A1 devo publicar para sentir-me adequado? Cinco, dez? Quantos livros? Devo me apropriar de um campo, de um autor, de um tema?

Quando cada um de nós pode e deve ser herói, apagam-se as circunstâncias e prevalece a meritocracia, erradicando-se o contexto, a história, a tradição e a hierarquia. Poder é o verbo modal da sociedade do desempenho: tu podes (HAN, 2017). O quê? Sobressair-se dos demais. Vencer. Conquistar mais visibilidade, mais dinheiro, mais personalidade, mais títulos, mais espaço, mais reconhecimento, mais poder.

Em um mundo no qual o reconhecimento é recurso escasso, e, portanto, a possibilidade de fracasso é enorme para a maioria das pessoas, explode o número de farmácias e o consumo de antidepressivos, indutores de sono e moderadores de humor; em um mundo no qual se multiplicam as políticas de austeridade e o desmonte das redes de proteção social, o estrago é ainda maior. Assemelhamo-nos todos a trapezistas inexperientes saltando de olhos fechados sem nada embaixo para conter a queda – e saltamos com um sorriso no rosto.

A sociedade do desempenho é também aquela do culto da performance. As reivindicações coletivas são secundárias em relação à liberdade de performance individual. “A imagem de minha *performance* é a única coisa que importa” (EHRENBERG, 2010, p. 69, grifo do autor). De acordo com nossa hipótese, aqui reside a ideia da Síndrome do impostor, também bastante discutida no decorrer das entrevistas. A doutoranda Maria Emília nos deu o seguinte relato:

O doutorado, junto com todo o contexto político do Brasil, me deu uma angústia existencial muito grande. Eu tenho a impressão de ser a impostora nata. A qualquer momento alguém vai descobrir que eu não mereço estar aqui, que eu não sei do que eu estou falando, não sei o que estou fazendo. E aí comecei a perceber uma necessidade de aprovação dos outros. E essa necessidade começou a me incomodar profundamente. Daí eu comecei a fazer o oposto. Comecei a me diminuir, a não falar mais sobre mim, enquanto as pessoas que estavam ao meu redor pareciam estar fazendo mil coisas e eu comecei a me sentir pior porque parecia que eu estava estagnada, sem fazer nada. (informação verbal, 2019).²¹

²¹ MARIA EMÍLIA. Entrevista. Natal, Rio Grande do Norte, 22 e 24 out. 2019.

Em suma, a chamada Síndrome do impostor relaciona-se ao receio de executar uma má performance pública aliado a um desconhecimento do que os outros estejam fazendo (não os conheço, mas sei que são melhores). Mas tanto o depoimento de Maria Emília quanto o de Jonathan nos apresentam uma encruzilhada. Segundo Ehrenberg (2010), como vimos acima, tornar-se si mesmo é saber assimilar um código de autenticidade a um código de visibilidade, portanto, trata-se de uma negociação entre o que é da ordem do privado e do público. Ao mesmo tempo, o sujeito do desempenho é

o homem que não representa a não ser si mesmo, que não tem raízes e passado, já que ele age inteiramente com base em si mesmo, em vez de ser comandado e representado por outros, pensa-se como mestre – posse mais absoluta de si mesmo. (EHRENBERG, 2010, p. 55-56).

Portanto, é o homem que se faz sozinho, senhor do seu destino, correndo todos os riscos e sem se instalar no sucesso – sempre em vias de mudança. O sujeito do desempenho atua tateando entre fronteiras que desconhece (do público e do privado, do presente, do passado e do futuro, do eu e do outro). O sujeito da performance e do desempenho não tem outro recurso de julgamento a não ser a referência a si mesmo, mas estabeleceu um critério de sucesso alto demais para alcançá-lo. Ser doutorando em uma universidade pública, um universo de aproximadamente 0,2% da população brasileira, já não é suficiente para estabelecer uma distinção. A Síndrome do impostor é, sem dúvida, um dos maiores fatores estressógenos dentre os entrevistados. Se a imagem de minha performance é a única coisa que importa, como sugere Ehrenberg (2010), ela se sobrepõe ao conteúdo. Jonathan narra um episódio de ansiedade possivelmente relacionado à insegurança performática, e não à falta de competência cognitiva.

Durante uma orientação coletiva, eu tinha que apresentar um texto. Um texto tranquilo, e eu tinha que apresentar um capítulo. Li o texto, fiquei, tudo bonitinho. Quando eu chego na universidade me bate um sentimento ruim, parece que tudo fugiu da minha cabeça, da minha mente, imediatamente, não lembrava mais de nada, olhava os fichamentos e não conseguia reconhecer mais minha própria letra e comecei a ficar muito ofegante. E uns dias antes, quando a data da apresentação se aproximava, eu comecei a sentir um aperto no peito, uma dor forte no peito. [...] [No dia, quando] Faltava acho que duas horas para a apresentação, mandei uma mensagem para o orientador: “não tenho condições de apresentar por causa disso, disso e disso.” (informação verbal, 2019).²²

²² JONATHAN. Entrevista. Natal, Rio Grande do Norte, 24, 29 e 31 out. 2019.

As orientações coletivas (reuniões do orientador com todos os orientandos juntos) são uma tentativa de alguns professores para conectar pessoas e pesquisas, fazê-las se comunicar, tirá-las do isolamento. É comum que um pós-graduando saiba muito pouco sobre o que faz o colega ao lado, a não ser por linhas gerais. Nas ciências humanas, os pesquisadores dificilmente trabalham juntos, produzem coletivamente ou partilham suas descobertas – como em um laboratório de Biologia, por exemplo. É sempre um campo agressivo de disputas entre diversas teorias explicativas dos fenômenos sociais. Alguns alunos, justamente para sair do isolamento e compartilhar a vida, formam redes de solidariedade para apoio emocional, às vezes econômico. Mesmo assim, pelo próprio *ethos* da sociedade do desempenho, é preciso manter uma relação de tensão com o outro, pela competição ou pela comparação.

Por isso (e por fim), acreditamos que a necessidade da performance é sintoma de uma sociedade narcísica, no sentido atribuído ao termo pelo historiador estadunidense Christopher Lasch (1984). Para ele, o narcisismo não se refere ao egoísmo, mas funciona como um mecanismo de sobrevivência psíquica. Em um mundo no qual a subjetividade é sitiada por uma série de exigências sufocantes (sucesso, felicidade, força), o eu mínimo funciona como uma espécie de proteção precária frente aos desafios da vida. O eu narcisista estabelece uma vigilância contínua sobre sua própria conduta. Não se trata de um ego inflado, mas, antes, de um eu reduzido ao mínimo e inseguro de seus próprios limites. É esse eu mínimo ou narcisista, garantidor de sua sobrevivência, que o sujeito quer proteger com unhas e dentes. O egoísmo é, na verdade, uma ética do sobrevivencialismo. Aqui reside, em nosso ponto de vista, a dificuldade da exposição pública. A vergonha também pode ser pensada por esse registro.

Com base na mentalidade sobrevivencialista,

A vida cotidiana passa a assumir algumas das características mais indesejáveis e sinistras do comportamento em situações extremas: restrição das perspectivas às exigências imediatas de sobrevivência, auto-observação irônica, individualidade multiforme e anestesia emocional. (LASCH, 1984, p. 84).

Muitas vezes, o silêncio prudente, a autovigilância permanente, a personalidade modular e o distanciamento emocional, como propõe Lasch (1984), são as únicas modalidades de proteção de que dispõe o sujeito narcísico. O narcisismo, como o compreende Richard Sennett (2014, p. 477) em leitura sócio-histórica, é uma

atividade ascética, “que corrói os poderes expressivos daqueles que estão sob sua influência”.

Eis a contradição colocada pela contemporaneidade. O sujeito ascético da performance sente dificuldades em representar o jogo de máscaras do teatro social. O eu narcísico é resultado, na verdade, de uma corrosão do eu. Por meio de Sennett (2014, p. 478, grifo nosso) reencontramos Weber (1973; 2004). Para o sociológico estadunidense, *o narcisismo é a ética protestante dos tempos modernos*. Em suas palavras,

Se perguntarmos por que Weber construiu essa ideia de uma ética protestante, uma resposta seria que esta fora sua maneira de demonstrar os resultados combinados do secularismo e do capitalismo na psique. Não é acidental que ele tenha escolhido essas duas forças. Elas conduzem a uma erosão da crença na experiência externa do eu. Juntas, elas corroeram o eu enquanto força agressiva e confiante, e fizeram, ao contrário, de sua própria falta de valor o objeto da ansiedade obsessiva. Juntas, elas corroeram a vida pública. (SENNETT, 2014, p. 479).

Sennett (2014) finaliza *O declínio do homem público* com uma análise sumária do caráter ascético do narcisismo a partir de dois traços característicos: o temor diante do fechamento e a indiferença. No primeiro caso, trata-se de um aumento contínuo dos níveis de expectativas em relação a si, de modo que o comportamento efetivo do sujeito nunca é satisfatório, ou seja, não há fechamento possível. O segundo traço pode ser expresso da seguinte forma: “nada é o bastante para que eu sinta”, ou “outras pessoas, ou as outras coisas, tais como são, jamais serão suficientemente boas” (SENNETT, 2014, p. 481) para mim. Nem eu mesmo.

Considerações finais

A presente pesquisa, realizada por meio de revisão bibliográfica e relatos de vida, discute como o mal-estar e o sofrimento dos pesquisadores de pós-graduação se manifesta em diversas formas entre alguns alunos e alunas do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS). Muitos autores elencados acima identificaram os diversos fatores estressores que acometem os estudantes de pós-graduação. Nosso intuito foi estudar alguns desses fatores em suas manifestações específicas no PPGCS-UFRN.

Com o objetivo de fazer uma pesquisa transdisciplinar, a partir da compreensão de que o sofrimento do sujeito contemporâneo não pode ser

compreendido por meio de um olhar fragmentado e compartimentado, trabalhamos alguns estudos e autores da área de Psicologia, Psiquiatria, Psicanálise, Educação, Filosofia, História e Sociologia, estabelecendo, na medida do possível, relações entre os níveis microssocial e macropolítico nos quais estão inseridos os sujeitos da pesquisa. Com base no critério de relevância, ou seja, levando em consideração os temas mais destacados durante as entrevistas, fizemos o trabalho de correlacionar os relatos com as teorias vigentes, desenvolvendo algumas hipóteses de relação.

O sofrimento expresso pelos sujeitos foi por nós contextualizado tendo em vista: a predominância de uma sociedade cujo paradigma é a produção e o desempenho, bem como o isolamento e o individualismo exacerbado; a situação político-econômica do país e o desmonte das redes de proteção social; e a cultura organizacional do PPGCS-UFRN. Além disso, a pressão pela boa performance gera um sujeito ansioso, deprimido e narcísico, no sentido atribuído ao termo por Lasch (1984) e Sennett (2014).

Os resultados dessa pesquisa devem ser cuidadosamente considerados na medida em que trabalhamos com um grupo muito específico e reduzido de sujeitos e seus relatos de vida. Todos eles faziam parte de uma mesma rede de solidariedade (com exceção de Jonathan) e de um mesmo grupo de pesquisa, o que não invalidava os depoimentos, mas faz com que o leitor não os tome como uma pesquisa exaustiva.

Mesmo assim, os depoimentos aqui apresentados corroboram os resultados da revisão bibliográfica. Isso não significa que todos os programas de pós-graduação do país funcionem da mesma forma. Mas o apanhado geral de estudos anteriores, nacionais e internacionais, demonstra que muitos deles, em maior ou menor grau, no Brasil e no exterior, produzem seus sofrimentos. Apenas quisemos demonstrar como eles se manifestam em estudo de caso específico.

Tendo como horizonte os depoimentos dos estudantes, sugerimos: a) uma escuta mais atenta aos sofrimentos dos estudantes na pós-graduação; b) uma cultura organizacional mais amigável que insira os alunos em uma rede de colaboração e integração; c) um olhar mais cuidadoso da própria UFRN sobre esses alunos, com programas e iniciativas que os ajudem a enfrentar os fatores estressores da pós-graduação; d) a luta contra o desmonte da universidade pública; e) um acompanhamento mais próximo acerca das dificuldades de escrita e leitura, por meio de oficinas e eventos coletivos de discussão sobre os problemas relativos à dissertação

e ao mestrado; f) maior oferta nos horários de oferecimento de disciplinas, hoje ainda concentradas no período vespertino, quando muitos estudantes precisam trabalhar por falta de bolsa.

Por fim, a presente pesquisa analisou, com base em entrevistas e revisão bibliográfica, a relação entre pós-graduação, crise social e mal-estar psíquico. A expressão “mal-estar” procurou traduzir mais uma visão de sintoma social que propriamente patológica. Partimos de três pressupostos fundamentais geradores de mal-estar para elaborar nossa reflexão: 1) a instabilidade econômica, política e social pela qual passa o Brasil desde pelo menos 2016; 2) a cultura organizacional das pós-graduações; e, por último, 3) a ideologia dominante da alta performance, da meritocracia e do hiperdesempenho formam uma cadeia geradora de inúmeros fatores estressores e ansiogênicos aos pós-graduandos.

Acerca das questões organizacionais (2) e culturais (3), que transpõem a lógica do capital, da aceleração, da competição e do produtivismo para o fazer científico, essas ainda permanecerão por tempo indeterminado pautando o fazer acadêmico, enquanto um novo modelo de universidade não começar a ser seriamente elaborado. Do ponto de vista das questões sociais (1), apenas alguns meses após a finalização das entrevistas as universidades em todo o Brasil paralisaram suas atividades por causa da pandemia de covid-19, fazendo com que as aulas e orientações fossem transferidas para o modelo virtual por aproximadamente dois anos.

Simultaneamente, durante esse período de crise sanitária, as universidades públicas brasileiras viveram um processo constante de ataques e contingenciamento de recursos que em certos momentos quase inviabilizou seu funcionamento, enquanto a sociedade brasileira amargava altos índices de desemprego, insegurança laboral (precarização) e alimentar, carestia, inflação elevada e baixo crescimento econômico. Uma pesquisa sobre esse período talvez possa evidenciar que os problemas retratados neste trabalho muito se acentuaram. Um novo governo federal, eleito para o quadriênio 2023-2026, promete uma reestruturação das instituições de ensino superior, começando com a recomposição de seu orçamento. Mas esse processo demandará tempo, e precisará estabelecer um plano para incluir mestres e doutores no mercado de trabalho e nos projetos de desenvolvimento nacional.

Referências

- ALMEIDA, Luzia Cristina Lopes. **O hiperdesempenho e o design de si: uma análise do coaching executivo**. 2018. 122f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/27793/1/Hiperdesempenhodesignsi_Almeida_2018.pdf. Acesso em: 15 de dez. 2019.
- ARIÑO, Daniela Ornellas; BARDAGI, Marúcia Patta. Relação entre fatores acadêmicos e a saúde mental de estudantes universitários. *Revista Psicologia em Pesquisa*, Juiz de Fora, v. 12, n. 3, p. 44-52, set./dez. 2018.
- BARDAGI, Marúcia; BRANDTNER, Maríndia. Sintomatologia de depressão e ansiedade em estudantes de uma universidade privada do RS. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, Uberlândia, v. 2, n. 2, p. 81-91, 2009.
- BECKER, Howard. **Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos**. Tradução de Denise Bottmann. Revisão técnica de Karina Kuschnir. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas I. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Revisão técnica de Márcio Selligman-Silva. 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.
- BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS - CGEE. **Mestres e doutores 2015: estudos da demografia da base técnico-científica brasileira**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <https://www.cgee.org.br/documents/10195/734063/MeD2015.pdf/d4686474-7a32-4bc9-91ae-eb5421e0a981>. Acesso em: 25 dez. 2019.
- COSTA, Everton Garcia; NEBEL, Letícia. O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. *Revista Polis*, Santiago, v. 17, n. 50, p. 207-227, ago. 2018.
- DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon: lógica da sensação**. Trad. Roberto Machado. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão moderna**. Organização e tradução de Pedro F. Bendassoli. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.
- FARO, André. Estresse e estressores na pós-graduação: estudo com mestrados e doutorandos no Brasil. *Revista Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, v. 29, n. 1, p. 51-60, jan./mar. 2013.
- GOVERNO Federal anuncia reajuste em bolsas de graduação, pós, iniciação científica e Bolsa Permanência. *Gov.br*. Brasília, 16 de fev. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2023/02/governo-federal-anuncia-reajuste-em-bolsas-de-graduacao-pos-iniciacao-cientifica-e-bolsas-permanencia> Acesso em: 17 de fev. 2023.
- HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: RJ, Vozes, 2018.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

- JONATHAN. Entrevista. Natal, Rio Grande do Norte, 24, 29 e 31 out. 2019.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.
- KAUATI, Adriana. Síndrome do impostor e a vida acadêmica. **Revista Interparadigmas**, ano 1, n. 1, p. 75-88, 2013.
- LASCH, Christopher. **O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- LOUZADA, Rita de Cássia Ramos; SILVA FILHO, João Ferreira. Formação do pesquisador e sofrimento mental: um estudo de caso. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 451-461, set./dez. 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- MARIA EMÍLIA. Entrevista. Natal, Rio Grande do Norte, 22 e 24 out. 2019.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX: neurose**. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. v. 1.
- NUNES, Suelen Fernanda; SMEHA, Luciane Najjar. Síndrome de Burnout em docentes. **Disciplinarum Scientia**, Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 18, n. 1, p. 261-271, 2017.
- PÂMELA. Entrevista. Natal, Rio Grande do Norte, 22 e 24 out. 2019.
- ROSCOE, Beatriz; SOARES, Ingrid. Desemprego entre mestres e doutores no Brasil chega a 25%. **Correio Braziliense**. 10 mar. 2019. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/03/10/interna-brasil.741968/desemprego-entre-mestres-e-doutores-no-brasil-chega-a-25.shtml>. Acesso em: 25 dez. 2019.
- SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Tradução de Marcos Santarrita. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. As tiranias da intimidade. Tradução de Lygia Araújo Watanabe. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- SILVA, Eduardo Pinto e. Adoecimento e sofrimento de professores universitários: dimensões afetivas e ético-políticas. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 61-71, abr. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872015000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 dez. 2019.
- SOUZA, Caroline; ZANLORENSSI, Gabriel. Qual é o orçamento da Capes e o que ele representa para o Brasil. **Nexo Jornal**, 05 set. 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2019/09/05/Qual-%C3%A9-o-or%C3%A7ament-o-da-Capes-e-o-que-ele-representa-para-o-Brasil>. Acesso em: 25 dez. 2019.
- SOUZA, Marcelle. A depressão na pós-graduação é um tabu, diz pesquisador da UFRN. **UOL**. São Paulo, 16 dez. 2015. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2015/12/16/a-depressao-na-pos-graduacao-e-u-m-tabu-diz-pesquisador-da-ufrn.htm>. Acesso em: 28 dez. 2019.
- VARELLA, Cláudia. Brasil bate recorde, com 2,5 milhões de novas empresas formalizadas em 2018. **UOL**. 26 mar. 2019. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/empreendedorismo/noticias/redacao/2019/03/26/brasil-bate-recorde-empresas-formalizadas.htm>. Acesso em: 30 dez. 2019.
- VERAS MOTA, Camilla. Brasil é o segundo pior em mobilidade social em ranking de 30 países. **BBC News Brasil**. 15 jun. 2018. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44489766>. Acesso em: 07 jan. 2020.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. Revisão técnica de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. **O político e o cientista**. Tradução de Carlos Grifo. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

ZUARDI, Antonio Waldo. Características básicas do transtorno do pânico. **Medicina**, Ribeirão Preto, v. 50 (Supl. 1), p. 56-63, jan./fev. 2017.

Recebido: 27 jan 2023

Aceito: 04 abr 2023